

A PERMISSIVIDADE DE BEBIDA ALCOÓLICA NA SOCIEDADE E O DIREITO DE DIZER NÃO

Gabriella de Oliveira Silva* UFPI

Diante das inversões de valores ocorridas atualmente em nossa sociedade, com relação aos indivíduos que possuem o hábito da ingestão de bebidas alcoólicas identifica-se como verdade os conceitos de ser mais “auto-confiante”, “mais homem” e com isso ser aceito perante um grupo social, adquirindo um “status ilusório”. Esses conceitos permeiam o ambiente social em detrimento a uma minoria de pessoas que não possuem a prática de “beber socialmente”, sendo discriminados e rotulados com apelidos pejorativos, que terminam por inibir a socialização desses indivíduos

Percebe-se que uma minoria é “coagida” para a prática da ingestão de bebidas alcoólicas, começando com os apelos das empresas multinacionais e representantes de bebidas alcoólicas, que investem em comerciais e patrocínios de festas, etc., medindo forças para ver com quem fica a maior fatia do mercado; com isso dificultando e até impossibilitando a recuperação de um alcoolista.

Sabe-se da existência de alguns grupos de apoio para pessoas com Síndrome da Dependência ao Álcool e como também aos seus familiares. Todavia são pessoas que já tiveram experiências e, que de uma forma ou de outra, têm aonde recorrer. As pessoas que não possuem o hábito da ingestão da bebida alcoólica, a que custo vem tentando permanecer na recusa? Diante do desrespeito para com esses indivíduos, faz-se necessário a criação de grupos de apoio para que continuem com suas convicções? A partir destes questionamentos procurou-se investigar como se configura em Teresina a prática dos indivíduos que não ingerem bebidas alcoólicas e quais as influências desta prática em outras pessoas.

Este estudo teve como objetivo geral, descrever a prática das pessoas que resistem ao consumo do álcool em Teresina, analisando as condições e modificações para tal prática. Como objetivos específicos foram definidos: - investigar o motivo pelos quais há indivíduos que não ingerem bebidas alcoólicas mesmo diante de estímulo externos; - identificar em Teresina quais

os estímulos mais freqüentes à ingestão de bebidas alcoólicas; - verificar se existe a necessidade da criação de grupos de apoio para os indivíduos que costumam freqüentar ambientes motivadores para o consumo do álcool. Com este estudo pretende-se contribuir para alertar a sociedade sobre o direito e a necessidade em não ceder às imposições de um grupo social no que diz respeito à prática do alcoolismo.

Referencial Teórico

Os registros históricos da humanidade mostram o consumo do álcool como uma constante na cultura de todos os povos do mundo. Por motivos religiosos, festividades, enfim em quase todas as situações vivenciadas em grupo a bebida alcoólica estava presente.

Nos dias atuais e milhares de séculos depois do início do consumo de bebida alcoólica, continua-se a “cultuar” o álcool, porém com mais intensidade, pois com os meios de comunicação mais acessíveis à maioria da população, as várias formas de como as informações chegam à população, a rapidez com que essas informações são captadas, tudo isso favorece ao estímulo e a propagação da bebida alcoólica.

“O álcool é uma das poucas drogas psicotrópicas que tem seu consumo admitido e até incentivado pela sociedade”(CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2001). Na maioria das vezes a origem ao incentivo ocorre dentro do ambiente familiar, com a permissão dos pais, quando os mesmos mantêm em casa, em um local muito visível, um barzinho com todo tipo de bebida alcoólica exposta. Os pais não precisam necessariamente beber, mas a bebida exposta, se caracteriza em uma situação positiva e aceita para todos os familiares. Em uma pesquisa realizada pelo CEBRID (2001), 28,6% dos jovens beberam pela primeira vez na própria residência.

A programação televisiva, em especial as novelas e comerciais, não fogem à regra; o álcool é sempre o centro das atenções. Há novelas que mostram personagem que pede champagne na primeira refeição do dia e quando se depara com um copo de bebida alcoólica, a felicidade fica estampada em seu rosto. Essas novelas, para muitos telespectadores, deixam

a mensagem de que os momentos felizes são motivos para “bebemorar” , mas mostram ainda que as situações de tristeza e conflito também são motivos para beber. Cenas de ingestão de bebida alcoólica se repetem todos os dias, tornando-se normal para muitas pessoas, até que elas próprias passam a repetir a cena na vida real. Até que ponto é normal a necessidade de uma substância psicoativa, para ter alegria, se desinibir, relaxar ou mesmo para pertencer a um grupo social?

A sociedade vê as festividades nacionais mais conhecidas internacionalmente, como o futebol, o samba e o carnaval, vinculados ao álcool. Em relação ao carnaval, tinha-se uma festa uma vez ao ano; eram quatro dias de liberdade total no que tange ao consumo de bebida alcoólica. Mais recentemente, inventaram os “carnavais fora de época”, denominados micaretas, que acontecem em cada capital do país e são patrocinadas pelas nossas “paixões nacionais”; as cervejas, as quais brigam entre si para a maior vendagem, os maiores eventos, ou seja, o maior consumo. Assim, as cervejarias fazem das micaretas uma fonte poderosa de renda, pois de janeiro a dezembro existe o evento. Se as festas carnavalescas já possuíam motivos para beber descontroladamente, com as micaretas, esses motivos acontecem nos 12 meses do ano.

Há milhões de anos a humanidade convive com as bebidas de teor alcoólico. No início, por motivos religiosos e com o passar dos anos não se percebe motivos aceitáveis para a ingestão da bebida alcoólica.

Quando as primeiras bebidas alcoólicas foram produzidas, o conteúdo de álcool era relativamente baixo, como o vinho e a cerveja, por passarem pelo processo de fermentação. Na idade média, os árabes introduziram na Europa o processo de destilação, fazendo surgir novos tipos de bebidas alcoólicas, e foi nesta época que a bebida passou a ser utilizada como remédio para todas as doenças, pois ‘dissipavam as preocupações mais rapidamente do que o vinho e a cerveja, além de produzirem um alívio mais eficiente à dor’ , surgindo então a palavra whisk - do gálico “usquebaugh” que significa “água da vida” (CEBRID, 2001)

A palavra alcoolismo consta que foi usada pela primeira vez em 1852, pelo médico sueco Magnus Huss, empregada para designar o uso abusivo de bebidas alcoólicas como fator de degenerescência. Entretanto, foi o psiquiatra

Emil Kraepelin, no começo do século XX, que formulou uma primeira conceituação sobre o alcoolismo. Segundo Kraepelin, citado no cap. XIV – Alcoolismo e Psicoses Alcoólicas (os. 147 e 148), há alcoolismo e, mais ainda, alcoolismo crônico em perspectiva, toda vez que alguém ingerir uma nova dose de bebida alcoólica sem que a anterior não tenha sido devidamente eliminada. Entende-se ser este um conceito muito rígido que conduziria ao diagnóstico de alcoolismo mais de 2/3 da população mundial. Em 1953, o subcomitê de alcoolismo da OMS sugeriu que o álcool viesse a ser incluído entre as drogas produtoras de toxicomanias e as drogas produtoras de hábitos.

Pesquisas outras foram realizadas na busca da melhor conceituação ou mesmo definição do alcoolismo, que possua uma conotação médica. Com o avanço das ciências sociais e do comportamento, o alcoolismo foi denominado de Síndrome da Dependência do Álcool.

Os indivíduos que sofrem dessa síndrome podem ser chamados de alcoólatras, alcoolistas ou alcoólicos, denominações formuladas por diversos autores. Alguns autores não usam a denominação alcoólatra devido a sua etimologia, pois “latra” vem do grego adorar, o que para muitos estudiosos não vem a ser o caso, pois os indivíduos que sofrem da Síndrome da Dependência do Álcool não o fazem por adorar o álcool e sim por necessitar da bebida .

O abuso e a dependência de substância psicoativa é determinado pelo consumo abusivo de determinada substância, segundo alguns estudiosos dessa área. Todavia existem indagações acerca dos motivos que levam algumas pessoas a abusarem e dependerem de substâncias psicoativas e outras não.

Algumas teorias com explicações comportamentais, genéticas ou neuroquímicas, tentam elucidar esse lado pouco conhecido das conseqüências da ingestão de substâncias psicoativas (Kaplan, Sadock e Grebb, 1997).

Em uma reflexão sobre a origem do consumo do álcool pela humanidade, percebe-se o fascínio e o domínio que a bebida alcoólica exerceu e exerce no indivíduo. O álcool sempre esteve relacionado ao prazer, à alegria, à descontração, à diminuição do estresse, tido como um “bálsamo” para os problemas do cotidiano. E são essas as justificativas, muitas delas com explicações científicas, que vêm fortalecendo, cada vez mais, a “cultura do

álcool” na sociedade, dificultando uma mudança de valores, no que diz respeito à prática da ingestão alcoólica.

O alcoolismo é uma doença de vertentes múltiplas, com conseqüências sociais, físicas e psíquicas. Para Bertolote et al (1990, p.16), “conceitua-se como uso abusivo do álcool, casos em que uma pessoa, para qual nenhum diagnóstico é possível, receba assistência médica em virtude dos efeitos adversos do álcool, do qual ela não é dependente, e que tinha feito uso por iniciativa própria em detrimento de sua saúde ou atuação social”. As conseqüências decorrentes do uso abusivo do álcool relacionam-se entre si, formando uma “reação em cadeia”, do consumo socialmente aceito, à dependência e aos desajustes sociais. Da dependência aos desajustes sociais tem-se conseqüência psíquica, física e social.

As ciências médicas constataam os malefícios do uso do álcool, quando conceituam o uso nocivo como:

Um padrão de uso de substância psicoativa que está causando dano à saúde. O dano pode ser físico e mental e o diagnóstico requer que um dano real deva ter sido causado à saúde física e mental do usuário. E o fato de que um padrão de uso ou uma substância em particular não seja aprovado por uma pessoa, pela cultura ou possa ter levado a conseqüências socialmente negativas, tais como prisões ou brigas conjugais, não é por si mesmo evidência de uso nocivo”
(CID-10, 1993, p.73)

Essa concepção apresenta uma certa flexibilidade para “os bebedores sociais”, que para sociedade em geral, são pessoas “adequadas” às regras de conduta imposta, ou seja, são tidas como normais pela maioria. No entanto, considera-se que essas pessoas que utilizam uma droga psicoativa para conseguir algo, como uma melhor sociabilidade, ou simplesmente relaxar, podem alcançar satisfação de outras formas que não seja a do consumo de uma substância psicoativa.

Considera-se que estes “bebedores sociais” ainda não estão isentos de se tornarem dependentes, mesmo porque, vivem em um país no qual a bebida alcoólica é uma constante na sociedade. Em qualquer evento festivo ou mesmo em uma saída de final de semana sem nenhum motivo para comemoração, o

álcool está presente. Então, como caracterizar o “bebedor social” se diariamente esse indivíduo está sendo estimulado a ingerir bebida alcoólica ? E quanto ao conceito de uso nocivo, onde condutas socialmente negativas não são referências para o diagnóstico de abuso da bebida alcoólica ? Acredita-se ser um erro, pois sendo uma substância psicoativa, onde a mente humana é afetada e o comportamento do indivíduo é modificado no seu uso, como não relacionar condutas negativas para sociedade (brigas, atropelamentos, prisões, etc) concomitante ao uso nocivo do álcool, se em estado normal, ou seja, sem ter ingerido nenhuma substância psicoativa, essas mesmas pessoas não possuem esse tipo de comportamento?

No Brasil, o alcoolismo atinge cerca de 16 milhões de brasileiros, significando que aproximadamente 12% da população é alcoolista, sem distinção de cor, sexo, idade ou credo. (Granato & Villela, 1999)

O alcoolismo tornou-se uma epidemia no país o que exige gastos de cerca de US\$61,2 bilhões por problemas decorrentes do consumo de bebidas, que vão desde internações hospitalares para tratamentos de doenças, a acidentes de trânsito, segundo estimativa do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo (Jornal O globo, 1999).

No Piauí, estima-se que 3% a 20% dos trabalhadores são alcoólicos. Em Teresina são 120.000 pessoas pacientes alcoólicos (Ribeiro, 2000).

Mesmo sendo um problema mundial, vê-se a cada dia aumentar o número de adeptos da bebida alcoólica, seja pela divulgação, por fatores biológicos, psicológicos e sociais. O etilismo vem desestruturando a saúde pública do mundo, com centenas de milhares de óbitos prematuros, contribuindo para consideráveis gastos, um dos quais “as internações hospitalares, onde o alcoolismo é responsável por 80%” (Jornal O globo, 1999).

Diante desse quadro percebe-se a gravidade da doença do alcoolismo, todavia, os meios para se combater não estão sendo eficazes, devido à política de tratamento, ou seja, gastar com consultas, internações, medicamentos, terapias de apoio psicológico, ao invés de ter uma política de prevenção, que por meio da educação e da conscientização em relação ao consumo do álcool, seria o meio mais eficiente e menos dispendioso.

A conduta dada ao tratamento para o abuso de substância psicoativa varia “de acordo com o padrão de abuso, disponibilidade de sistemas de apoio psicossocial, e características individuais do paciente” (Kaplan, Sadock e Grebb, 1997, p. 377).

O tratamento do abuso dessas substâncias almeja duas metas, uma das quais é a abstinência da substância; a outra meta relaciona-se com o bem-estar físico, psiquiátrico e psicossocial do paciente. O apoio psicossocial é imprescindível para o sucesso do tratamento, com o objetivo de equilibrar a existente alteração do comportamento do indivíduo.

Inicialmente, o tratamento ao abuso de substância psicoativa pode ser conduzido em um contexto tanto de internação quanto ambulatorial. No tratamento de internação o paciente fica hospitalizado para uma desintoxicação da substância abusada, enquanto que no tratamento ambulatorial o paciente é medicado no hospital e retorna para casa, permanecendo nessa rotina durante o tratamento. Durante o período de tratamento químico, as terapias individuais, familiares e em grupos, podem ser efetivas (Calil, op. cit.).

A psicoterapia lida com os fatores psicológicos e interpessoais que causam o sofrimento na vida do alcoolista. Na terapia de grupo ocorre o relato de vários pacientes, onde compartilham suas dificuldades sofridas através do alcoolismo. Dentre esses grupos, existe uma organização de pessoas que são alcoólicos e que se dispuseram a parar de beber que se denomina Alcoólicos Anônimos e uma outra organização para os familiares e amigos desses alcoólicos, denominada Al-anon (Calil, op. cit.). Grupos de terapias como os Alcoólicos Anônimos, Al-anon e Alateen, são de grande importância para a sociedade, no que diz respeito ao tratamento psicossocial do alcoolista e de seus familiares. No entanto, acredita-se que também poderiam ser eficazes na prevenção do alcoolismo, ao saírem do anonimato e discutirem as possibilidades na diminuição do consumo alcoólico na sociedade. Considera-se que até uma pessoa ter a consciência de que necessita de um tratamento, haja vista a permissividade da sociedade, onde dissemina-se ser benéfico à saúde beber um pouco todos os dias, ou ser normal “encher a cara uma vez ou outra”, ou ser natural beber para “afogar as mágoas”, é quase impossível que um indivíduo aceite que esteja doente pelo alcoolismo.

A bebida alcoólica sendo uma substância psicoativa é muito desejada por milhares de pessoas por seus efeitos de desinibição, aumento da autoestima, aumento da autoconfiança. Com tantos estímulos a curiosidade do adolescente é aguçada, e se ele participa de um grupo no qual a maioria bebe, é provável que ele também comece a beber.

Segundo Aberastury & Knobel (1981), a fase da adolescência é um período de contradições, confusões, ambivalências, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Diante dessa fase de conflitos, a formação de grupos de parcerias assume uma grande importância, pois é um fator essencial para a definição da identidade do próprio indivíduo.

E a busca dessa uniformidade que pode proporcionar a segurança e a estima pessoal; que num processo de superidentificação em massa, que às vezes a separação do grupo parece impossível; não se podendo separar da turma nem de seus caprichos ou modos. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimentas, costumes, preferências de todos os tipos (Aberastury & Knobel, 1981, p.36 e 37)

A sociedade dita suas regras, o adolescente quer conhecê-las, e uma das maneiras é formando grupos com outros adolescentes. Todas as pessoas sentem necessidade de participar de um grupo para pertencerem a determinado lugar, e quando se é adolescente essa necessidade torna-se importante, porque essa condição infere a ele um sentimento de identidade, oferecendo momentos mais felizes ao compartilhar coisas boas ou problemas do cotidiano, dá coragem e iniciativa para tomada de algumas decisões que sozinhos, algumas pessoas, não conseguiriam, como ir a festa, dançar ou paquerar. Por outro lado, os grupos têm sua negatividade quando exercem poder de pressionar, de influenciar ou de convencer o adolescente a fazer algo que não é bom ou correto. Segundo Dunphy (Adolescência: Desenvolvimento Psicossocial, Cap. 9, p. 106, s.d.) diz a esse respeito que “a fim de tornar-se membro do grupo, o indivíduo deve indicar sua disposição de aceitar a autoridade do grupo”. A pressão do grupo pode se manifestar de diversas formas: convincente, sedutora ou intimidatória, por exemplo: “ora, não seja

criança, experimente isso!", ou "me dê uma prova que me ama e faz isso por mim".

Muitas vezes é difícil enfrentar a pressão do grupo, pois em muitos casos a pressão é tão forte que alguns acabam bebendo, porém outros preferem resistir, entretanto, passam por situações constrangedoras, tornando-se alvos de brincadeiras, apelidos que denigrem a imagem e são alvos de chacotas. Alguns indivíduos não se incomodam, pensam que o grupo é mais importante, não valendo a pena se indispor com os amigos, afinal é somente uma "brincadeira". No entanto, outros encontram uma solução para permanecerem no grupo e não serem pressionados, que é pedir a bebida e passar a noite fingindo que está bebendo. Para outras pessoas, as sucessivas pressões sofridas, as levam a se afastar do grupo; e esses são os melhores desfechos das pressões, exercidas por muitos, para que algumas pessoas tomem a bebida alcoólica. Em caso recente, a agressão foi tamanha que levou um estudante a óbito, como ocorreu na recepção de boas vindas para os alunos recém chegados em uma universidade de São Paulo, "os calouros chegam a ser obrigados a ingerir álcool, um ato que mistura violência e permissividade, num grupo que deveria representar a elite estudantil da nossa sociedade" (CERRI, 1999, p.84). Por isso, é importante proporcionar para o adolescente uma reflexão sobre seus sentimentos de auto-estima e defesa de seus conceitos e valores.

O capítulo I Dos Direitos e Deveres individuais e coletivos, no artigo 5º e inciso IV, da Constituição Federal de 1988, diz: "é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato". Como também a Declaração Universal dos Direitos Humanos(Manual de Direitos Humanos, 1998), em seus artigos defende esse direito. Todos esses artigos falam do direito que as pessoas possuem em expressar seus pensamentos e suas opiniões diante do que julgam correto ou não. Sendo uma legislação, deve ou, pelo menos, deveria ser cumprida. No dia-a-dia o que se vê são atos constantes de violação à Constituição Federal e à Declaração Universal dos Direitos Humanos, no que tange à liberdade de expressão, com a "cultura do álcool" arraigada na maioria da população, onde é normal quem possui a prática da ingestão alcoólica em detrimento dos que não possuem essa prática. O simples ato de cumprir a Constituição Federal, no que tange a "liberdade de expressão" dentro

desse contexto, já seria um começo da conscientização das pessoas que ingerem bebidas alcoólicas.

O estudo realizado em Teresina

E o propósito deste estudo foi verificar a prática dos indivíduos que não possuem o hábito da ingestão de bebidas alcoólicas, mesmo diante dos estímulos diários no ambiente social e na mídia. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo, com coleta de dados realizada em Teresina, em estabelecimentos públicos e de lazer, onde existe o consumo de bebidas alcoólicas. A finalidade foi detectar, em pesquisa direta, as seguintes hipóteses: - a mídia é um grande estímulo para a prática da ingestão de bebidas alcoólicas em Teresina; - a sociedade é permissiva ao uso do álcool; - em Teresina não existe apoio aos indivíduos que não possuem o hábito da ingestão de bebida alcoólica e que diariamente são estimulados ao seu consumo.

Diante dos resultados deste estudo verificou-se que a prática da ingestão da bebida alcoólica em Teresina mostra-se comum a ambos os sexos. Essa realidade mostra a necessidade de se refletir mais sobre que fatores têm induzido a prática do consumo de bebida alcoólica, que está cada vez mais em ascensão em nossa sociedade. Conforme os entrevistados, a mídia no que diz respeito às programações de televisão e os comerciais que mostram situações de bem-estar do indivíduo relacionadas ao consumo de bebida alcoólica, têm intensificando a prática da ingestão do álcool, principalmente, entre os jovens. Quando é mostrado como comportamento aceito pela sociedade, atitudes de auto-afirmação pelo fato de se está ingerindo bebida alcoólica, e nessa situação os adolescentes são os mais atingidos por essa influência.

Uma constatação deste estudo é que os teresinenses têm o hábito de freqüentar bares com propósitos de diversão, distração e descontração. Para muitos, esses objetivos somente são alcançados com o consumo de bebida alcoólica e nesses ambientes o índice de pessoas que consomem bebidas alcoólicas é superior em relação às pessoas que não consomem. Os indivíduos que ingerem bebidas alcoólicas, o fazem em turmas ou grupos, pois o estímulo entre os indivíduos de um grupo é recíproco. Foi possível perceber também,

que a maioria dos entrevistados detectam a influência dos “bebedores” sobre os abstêmios de bebida alcoólica e que ambos reconhecem tal situação como uma atitude normal, uma simples brincadeira, deixando de lado, ou mesmo, desrespeitando o direito que as pessoas têm na escolha entre consumir ou não bebida alcoólica; *o direito à liberdade de expressão*, que muitos indivíduos ignoram devido o domínio da “cultura do álcool”, que privilegia mais e mais os consumidores de bebida alcoólica, deixando à margem os que não a consome.

Considera-se importante que os indivíduos sejam conscientizados para as conseqüências físicas, psicológicas e sociais da ingestão de bebida alcoólica, para então assim encontrar um meio eficaz para a diminuição no consumo do álcool. A educação é um desses meios, pois atua através de uma política de prevenção, ao conscientizar as pessoas sobre os malefícios do consumo abusivo da bebida alcoólica.

Na escola um dos mecanismos para esse trabalho de conscientização, começando-se pelas crianças e adolescentes, são os temas transversais. Esses temas são questões sociais incluídas no currículo escolar do ensino fundamental, obtendo um tratamento didático das escolas. São temas que envolvem questões de múltiplos aspectos e diferentes dimensões da vida social, como: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. Na definição destes temas foram observados os seguintes critérios: a urgência social – a qual indica a gravidade da questão, os obstáculos apresentados para a concretização da plenitude da cidadania, afastando a dignidade das pessoas e deteriorando uma maior qualidade de vida; abrangência nacional – que significa a questões que sejam pertinentes a todo o país; possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental – que requer a escolha de temas que possam ser aprendidos nessa etapa de escolaridade; favorecer a compreensão da realidade e a participação social – o que significa a escolha de temas que possibilitem uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo.

As concepções sobre saúde ou sobre o que é saudável, valorização de hábitos e estilos de vida, perante as diferentes questões relativas à saúde perpassam todas as áreas de estudo escolares, desde os textos literários, informativos, jornalísticos até científicos. Esses são os espaços apropriados para que na escola desenvolva um trabalho educativo com as crianças e

adolescentes sobre o direito de dizer não a hábitos prejudiciais à saúde, mas socialmente aceitáveis, como é o caso da ingestão de bebida alcoólica.

Outra alternativa para se desenvolver um trabalho educativo com jovens e adolescentes no sentido de ajudá-los a resistirem aos apelos do consumo de álcool é a Educação Física.

A Educação Física para atingir seu objetivo, utiliza atividades específicas ao movimento humano, umas delas são os jogos lúdicos, que através de regras determinadas, auxiliam para formulação de valores significativos para o grupo social.

Discutiu-se neste estudo que o consumo da bebida alcoólica é uma condição cultural da humanidade aprendida a milhares de anos. Historicamente tem sido considerada uma conduta normal para a maioria das pessoas, favorecendo uma permissividade cada vez maior em nossa sociedade. Através da mídia, a aceitação da bebida alcoólica é freqüente e continua em expansão. O abuso do álcool é passado pelos meios de comunicação como uma atitude natural e normal de qualquer pessoa, não importando a idade nem o sexo. A permissividade das pessoas é um fator preponderante, pois acarreta a continuidade para o consumo de bebidas alcoólicas nas gerações futuras.

Considera-se que com esse estudo houve a possibilidade de se constatar cientificamente que os teresinenses têm a consciência de uma condição imposta pela mídia, no que tange ao consumo de bebidas alcoólicas. Mesmo estando cientes dessa realidade, as pessoas que freqüentam os bares da cidade acham que ingerir bebida alcoólica é uma situação normalíssima e que é difícil modificá-la. Porém, essas mesmas pessoas se contradizem quando vêem a importância do apoio aos indivíduos que são abstêmios do álcool, quando acham uma brincadeira a falta de respeito ao direito de escolha dos não consumidores de bebidas alcoólicas.

Os sujeitos participantes deste estudo parece que se sentem presos a uma tradição e, mesmo discordando dela, não sabem por onde começar a quebrar essa cultura de buscar a diversão por meio da bebida alcoólica. Foi possível perceber que mesmo reconhecendo que têm o direito de dizer não, pensam que não existe solução ou que é impossível lutar contra o culto à bebida alcoólica, por ser um costume milenar.

Com relação ao direito das pessoas serem respeitadas na sua decisão de abster-se do consumo de bebida alcoólica, a criação de grupos de apoio a essas pessoas é um bom caminho para uma conscientização e para uma mudança de hábitos da sociedade, no que tange o consumo do álcool. Neste sentido, acredita-se que a educação favorecerá essa mudança, ao se instalar nas escolas um aprendizado que fale sobre o alcoolismo e o respeito à escolha das pessoas em consumir ou não bebidas alcoólicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCÊNCIA: Desenvolvimento Psicossocial – Cap. 9, cópia.

CENSAA - Central de Serviços Alcoólicos Anônimos - PI. Teresina, Folder, 1999.

ALCOOLISMO E PSICOSES ALCOÓLICAS – Cap. XIV, (cópia) [1985?]

ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Maurício. Adolescência Normal. Tradução de Suzana M^a Garagoray Bollve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BERTOLETE, José Manoel et al. Alcoolismo. 2^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas 1990.

BRASIL. Constituição Federal, 1988.

CALIL, Luís Carlos. ABC do Alcoolismo – Como eu trato nas urgências. Disponível em <<http://www.nib.unicamp.br/svol/artigo34.htm>>. Acesso em 26 de novembro de 1998.

CARAZZARI, Luiz Renato. Alcoolismo na Empresa. Vivência [Revista Brasileira de Alcoólicos Anônimos], Rio de Janeiro, n^o 33, p. 15, 1995.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Ministério da Saúde. 2001

CERRI, Giovanni Guido. Álcool: A Antítese da Saúde. Revista Médicos, São Paulo, n^o 8, maio/julho, p.84,1999.

CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

EUROCARE. Carta Européia sobre o Álcool. Disponível em <<http://www.eurocare.org/chaterportuguese.htm>>. Acesso em 18/03/200.

GRANATO, Alice, VILLELA, Ricardo. Um ícone brasileiro. Revista Veja, São Paulo, edição 1605, n^o27, julho, p. 134, 1999.

ICASSATI, Miguel. A mãe da mangaça. Revista Veja. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/veja/vejasp/130900/bebida.html>> .Acesso em 6 de dezembro de 2000.

JORNAL O Globo de 28 de setembro de 1999. Disponível em <<http://www.oglobo.com.br>>. Acesso em 6 de janeiro de 2001.

KAPLAN, Harold I., SADOCK, Benjamin J. , GREBB, Jack A. Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KENSKI, Rafael. Os perigos da happy hour. Revista Saúde Especial. Editora Abril, p.67, 2000.

MANUAL DE DIREITOS HUMANOS: Declaração universal dos direitos humanos – 50 anos/ Movimento Nacional de Direitos Humanos; Organizador: José do Carmo Alves Siqueira. São Luís, 1998.

MASUR, Jandira. O que é toxicomania. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1985.

NOVAES, Jefferson S. Personal Training e condicionamento físico em academia – Rio de Janeiro: Shape, 1998.

OLIVEIRA NETO, João S. de, jornalista. Debatedor em uma conferência de Alcoólicos Anônimos. Teresina, 2000.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense. 4ª ed., 1985.

RIBEIRO, Solange Maria da Silveira. Especialista em medicina do trabalho. Palestra do IV Seminário sobre Alcoolismo. Teresina, dezembro, 2000.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas , 1999.

SIAPI – Serviço de Informação Al-Anon do Estado do Piauí. Folder, 1999.

TOLKMIT, Valda Marcelino. Educação Física, uma concepção sociointeracionista: 5ª a 8ª Séries do primeiro grau. Curitiba: Módulo, 1996.

*Gabriella de Oliveira Silva, Professora de Educação Física formada pela UFPI. Pesquisa realizada para elaboração da monografia de conclusão do curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

[1] Droga Psicotrópica – Substância que atua no sistema nervoso central, provocando mudança de comportamento e podendo desenvolver dependência.

[2] A. Aberastury, psicanalista; concordando com outros autores, diz que a adolescência está caracterizada fundamentalmente por ser um período de transição entre a puberdade e o estado

adulto do desenvolvimento e que nas diferentes sociedades este período pode variar, como é variado à condição adulta que se dá ao indivíduo.

[3] A professora de Educação Física Valda M. Tolkmitt(1996), fala da importância do jogo no desenvolvimento do ser humano, com as estruturas orgânicas, determinadas pela maturação do indivíduo, formam-se novas e complexas funções mentais, dependendo das experiências sociais a que esse ser está exposto. O jogo com significado, fornece uma ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, criando um novo tipo de atitude em relação ao real, formação de planos de vida e de motivação volitiva.